

## DESVELANDO HORIZONTES: UMA PROPOSTA DECOLONIAL PARA A FILOSOFIA DO SÉCULO XXI

Marina Prates Ferreira dos Reis  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
marina.pfreis@gmail.com

O reflexo do processo de colonização permanece vivo nos países não localizados dentro ou a partir do recorte Europa-Occidente, ainda em dias atuais. Deste modo, é possível notar historicamente que o pensamento eurocêntrico nega a existência de diversos povos e grupos sociais, assim sendo, também exerce controle nas formas de conhecimento e na sua produção. Enquanto o colonialismo materializa a subalternidade dos corpos, ao mesmo tempo, ele invisibiliza outro, impondo novas configurações históricas-culturais para os diversos povos, considerando-os, como “primitivos”. Ao olhar imposto pelo centro do “sistema mundo”, esses povos não foram apenas silenciados, mas sim, desumanizados por esse processo. Ao refletir criticamente as formas opressoras impostas pelo colonialismo, faz-se necessário confrontar tais operadores coloniais sobre uma ótica decolonial, ou seja, ainda nessa sociedade contemporânea, percebe-se também, que o currículo acadêmico segue uma lógica a partir do pensamento ocidentalizado. É necessário ainda compreender que com o passar dos séculos, a produção do ocidente permanece exercendo o seu protagonismo e sendo valorizada sob as esferas das perspectivas de conhecimento, colocando-a enquanto conhecimento válido de uma primazia europeia. A colonialidade é herança do colonialismo, pois ela envolve questões de poder e não está ligada somente a ocupação territorial, logo, é possível visualizar seus aspectos no discurso acadêmico, discurso esse, acompanhado de um padrão, sendo possível constatar a partir das observações do quantitativo de autores, homens ocidentais, brancos, elitistas, exercitando seu privilégio de validar a verdade e o que não pode ser considerado como conhecimento, assim, concebendo puramente a produção científica de um eixo específico do planeta. Nesse sentido, como uma máquina de poder, tal estrutura alimenta o epistemicídio contra os povos originários das américas, contra os povos africanos sequestrados e escravizados, essa massa de sujeitos, expressada nas lentes hierarquizantes do ocidente, compõe a marginalização de identidades sociais. Diante desse cenário, urge evidenciar que a Filosofia segue esse mesmo padrão colonial, deste modo, como a própria Filosofia busca questionar a existência do homem e como esse constrói o conhecimento, logo, é necessário questionar a ausência das perspectivas decoloniais, ou melhor, a validação das experiências e conhecimento que foram e são produzidos pelos povos do continente africano ou das américas por exemplo. A urgência de um currículo decolonial na Filosofia é provocada pelo o esvaziamento de perspectivas decoloniais dentro do discurso acadêmico. Pois, no presente momento, a estrutura da colonialidade existe e se manifesta através da universalização de narrativas excludentes. Por esse ponto, o presente trabalho propõe reflexões a luz de importantes autores e teóricos do pensamento decolonial, como, Aníbal Quijano, Frantz Fanon, V.Y. Mudimbe, Nelson Maldonado Torres, Walter D. Mignolo, Catherine E. Walsh, entre outros. Objetiva-se aqui, apresentar inicialmente uma pesquisa no campo dos estudos decoloniais, a qual propõe-se questionar as estruturas coloniais de poder e saber, por

# XI SEMANA DE FILOSOFIA

4 a 8 de Dezembro

*Filosofia e Diversidade  
conhecimentos e perspectivas na  
Filosofia e na Educação*



meio de um currículo que segue uma ótica desobediente, claro que não se trata de anular o currículo ocidental, o qual nos é imposto, mas sim, apresentar possibilidades de outras reflexões de construção, rompendo com o paradigma do epistemicídio intelectual dos povos colonizados.

**Palavras-chave:** Colonialismo. Currículo. Decolonial. Eurocêntrico. Filosofia.